

Foto: Divulgação



# Receita ortodoxa

## Dani Rodrik

Professor de Economia Política Internacional na Faculdade de Governo John F. Kennedy, de Harvard, EUA.

Desde que lançou as primeiras críticas ao processo de globalização no livro *A globalização foi longe demais?*, de 1997, a produção acadêmica do economista turco Dani Rodrik está entre as mais citadas quando se debatem temas como integração econômica, comércio e desenvolvimento. Em junho, *Conjuntura Econômica* convidou-o a responder, por e-mail, questões de pesquisadores do IBRE sobre produtividade, competitividade industrial e comércio. A seguir, o resultado dessa conversa.

**Fernando Veloso – Na sua opinião, quais políticas são mais efetivas para o aumento da produtividade em países como o Brasil, onde o setor de serviços concentra parte significativa do emprego (2/3) e do PIB (70%), mas os níveis de escolaridade e de qualidade das instituições ainda são baixos?**

Gostaria de ter uma receita mágica para lhe indicar. Mas, diferentemente do setor manufatureiro, no qual a promoção de algumas indústrias bem-sucedidas torna possível induzir o avanço econômico, mesmo se no restante da economia a evolução

da produtividade for lenta, no setor de serviços não há outra opção que uma ampla acumulação de competências fundamentais. Isso porque os serviços são em geral não comercializáveis e não podem expandir significativamente sem um aumento da renda doméstica, que por sua vez requer o aumento da produtividade em outros serviços. Ou seja, quando se trata de serviços, não é possível fugir da maçante e ortodoxa receita do investimento em educação, instituições e infraestrutura – e todos esses itens levam tempo para entregar resultados.

Há, talvez, alguns serviços que não demandam capacitações muito específicas e podem absorver muita mão de obra – turismo é um exemplo clássico –, além de demandar ferramentas características de uma política industrial, como coordenação e apoio. Mas não há muitos outros que eu possa citar.

**Considerando que a melhora tanto da escolaridade quanto da qualidade das instituições implica um processo longo, o que é possível fazer**

**para aumentar a produtividade no curto e médio prazo? Há alguma mudança institucional que pode acelerar o aumento da atividade e a produtividade do setor de serviços?**

Em geral, as ferramentas usadas para diagnosticar crescimento podem ser úteis para identificar prioridades no setor de serviços. Primeiramente, quais são os serviços capazes de aumentar a produtividade sem envolver a demissão de muitos trabalhadores. Em segundo lugar, quais são as mudanças regulatórias e outras reformas que poderiam gerar o maior retorno em termos de expansão desses setores. Em alguns países, a carga tributária do trabalho formal é muito alta, e isso pode restringir o crescimento das atividades mais produtivas, de empresas que estão no setor formal. Nesses casos, alterar a carga fiscal para o trabalho formal pode ser importante. Em outros lugares, a produtividade do setor de serviços pode ser dificultada por restrições ao investimento estrangeiro – por exemplo, no varejo. Novamente, não acho que se possa encontrar

uma fórmula que caiba em todos os casos. Cada país tem que fazer sua tarefa para identificar seus limites.

**Maurício Canêdo Pinheiro – Seus trabalhos apontam a importância de uma mudança estrutural – e o aumento do papel da indústria – para aumentar a competitividade em economias emergentes. O Brasil possui uma indústria relativamente diversificada e desenvolvida, mas com grandes dificuldades para aumentar a competitividade. Qual sua avaliação sobre as políticas industriais aplicadas no país e quais políticas podem ser mais eficientes em economias como a nossa?**

O Brasil tem uma longa história de política industrial e, diferentemente de vários outros na América Latina, nunca realmente a abandonou. Algumas foram bem-sucedidas; outras, nem tanto. Acho que experimentar e tentar coisas novas é crucial. Claro, com monitoramento e avaliação, para se identificar o que não está funcionando e permitir que os programas possam ser mudados. Provavelmente, a maior fraqueza no Brasil é essa. Não tenho certeza de que hoje exista monitoramento e avaliação das políticas.

É importante compreender que o sucesso de uma política industrial depende do sucesso de uma gama de atividades. Não é preciso que cada projeto seja bem-sucedido, mas também não há necessidade de continuar com programas que não estão funcionando. A única forma de saber a diferença é incluir avaliações diretamente no desenho dos projetos.

**Silvia Matos – A taxa de câmbio é um forte componente da competi-**

**vidade do setor industrial. Em países como o Brasil, com baixa taxa de poupança, como é possível garantir um câmbio competitivo sem recorrer à intervenção direta?**

Câmbio é determinado pelo equilíbrio macro. Uma taxa de câmbio real mais competitiva, tudo o mais constante, requer mais poupança e/ou menos investimento. O governo sempre pode assumir a liderança reduzindo seu *déficit*, como também encorajando a poupança do setor privado.

---

O problema primário no comércio mundial hoje não é a carência de abertura, mas de resistência política contra a abertura que já existe

---

**Braulio Borges – Em linhas gerais, quais reformas acha que realmente funcionam e quais considera que são superestimadas pelo mercado e pelos economistas?**

Busco não generalizar demais. Mas provavelmente a globalização financeira foi a política mais superestimada dos últimos 25 anos. A mais subestimada, provavelmente, é o investimento público em infra-

estrutura – que, entretanto, está voltando à cena.

**Lia Valls – No campo comercial, qual papel atribui à OMC dadas as dificuldades no avanço das negociações na arena multilateral?**

Que OMC? Ela ainda existe? Brincadeira à parte, acho que é preciso uma séria reavaliação para reposicionar as negociações comerciais internacionais de volta ao âmbito multilateral da OMC. Como tenho argumentado, esse giro demanda que encaminhem as negociações comerciais de uma lógica de troca de mercadorias – *market-exchange* – para a lógica de troca de espaço político – *exchange of policy space*. Em outras palavras, a OMC tem que chegar para aprender com a ideia de que o problema primário no comércio mundial hoje não é a carência de abertura, mas de resistência política contra a abertura que já existe. Não podemos salvar o atraso sem criar espaço para que tanto países desenvolvidos quanto em desenvolvimento avancem em suas próprias agendas sociais e de crescimento.

**Quais são os principais setores domésticos norte-americanos que apoiam a Parceria Transatlântica de Comércio e Investimento (TTIP)?**

Eu diria que o setor empresarial em geral e as elites políticas estão majoritariamente a favor.

**Em sua opinião, quais são as chances de o Congresso norte-americano aprovar o Acordo Transpacífico (TPP) este ano?**

As chances são praticamente nulas. Isso não acontecerá em ano de eleição. 📌